

tigação e de crítica não só àqueles estudos como aos de filologia e arqueologia, contribuindo de forma muito valiosa para o conhecimento da língua e do povo português;

Atendendo a que é de justiça significar a gratidão nacional àqueles que, como o professor Dr. José Leite de Vasconcelos, consagram todo o seu esforço e inteligência ao serviço da ciência e da Pátria;

Usando da faculdade que me confere o n.º 2.º do artigo 2.º do decreto com força de lei n.º 12:740, de 26 de Novembro de 1926, por força do disposto no artigo 1.º do decreto n.º 15:331, de 9 de Abril de 1928, sob proposta do Ministro da Instrução Pública:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Ao Museu Etnológico Português será dado o nome de Museu Etnológico do Dr. Leite Vasconcelos.

Art. 2.º O professor Dr. José Leite de Vasconcelos é nomeado director honorário do referido Museu, sem remuneração.

Art. 3.º Fica revogada a legislação em contrário.

O Ministro de Instrução Pública assim o tenha entendido e faça executar. Paços do Governo da República, 18 de Março de 1929. — ANTONIO ÓSCAR DE FRAGOSO CARMONA — *Gustavo Cordeiro Ramos*.

(*Diário do Governo*, I série, n.º 62, de 19 de Março de 1929).

Também o Governo concedeu ao S.ºr D.ºr Leite de Vasconcelos a Grã-Cruz da Ordem da Instrução e Benemerência.

MANUEL HELENO.

Estudos sobre algumas estações da época luso-romana nos arredores de Setúbal

(Continuado da p. 181 do vol. xxvii d-*O Archeologo Português*)

Capítulo IV

Casas de habitação

§ 1.º—Habitações junto da Bôca da Lagoa

Próximo da Ponta do Tróia, junto da Bôca da Lagoa, vêem-se junto à praia sobressair lateralmente da pequena colina de areia, sobre a qual foi edificada, certamente na idade média, a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, as ruínas de dois quarteirões de casas

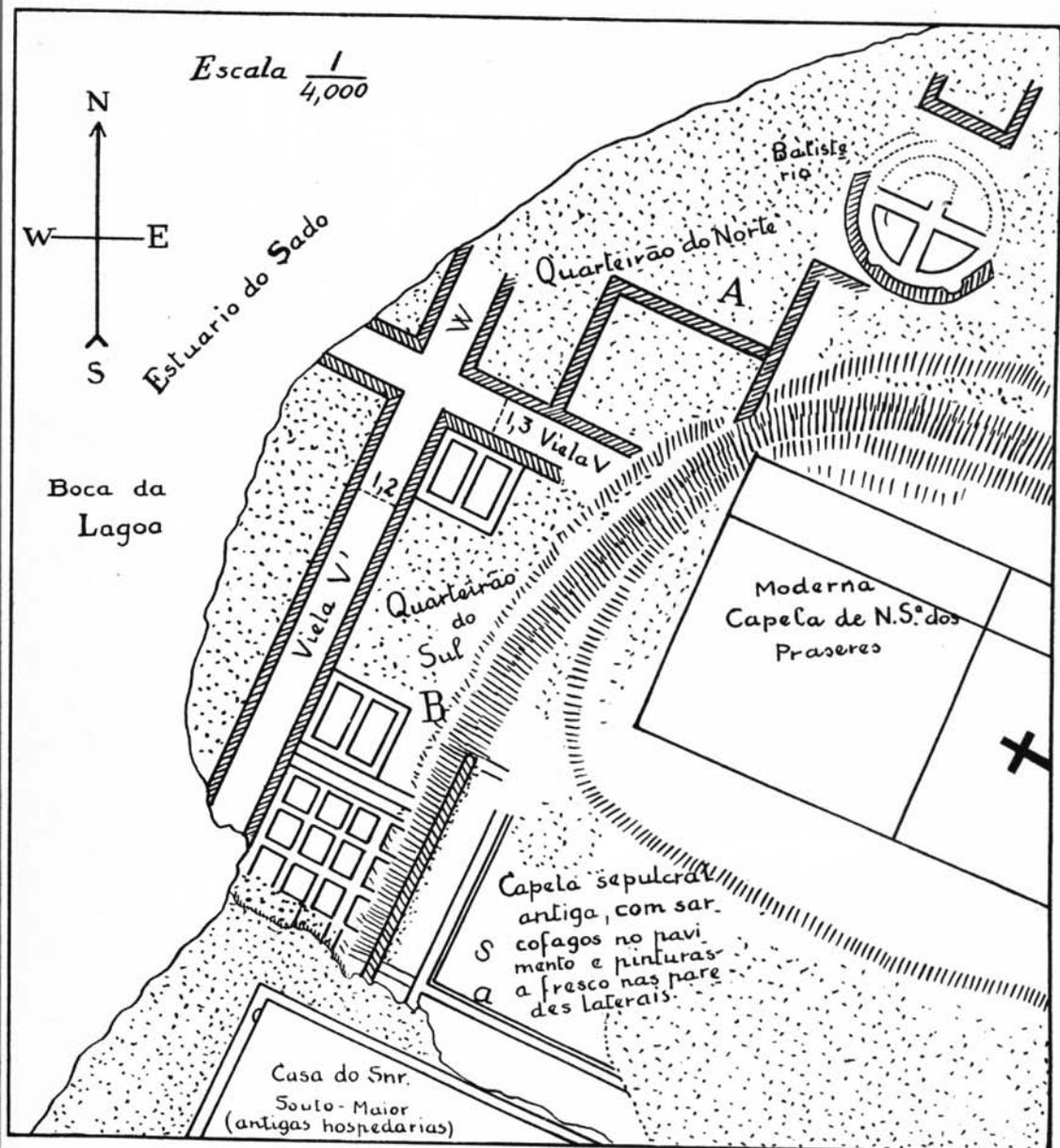


Fig. 22.—Esbôço à vista da planta das ruínas de construção da antiga povoação romana em Tróia, junto à Boca da Lagoa.

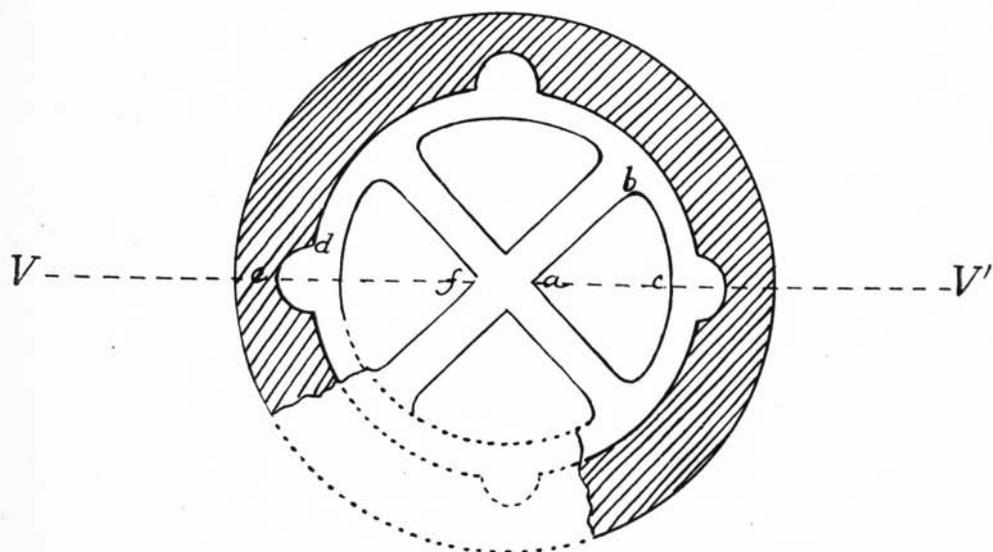
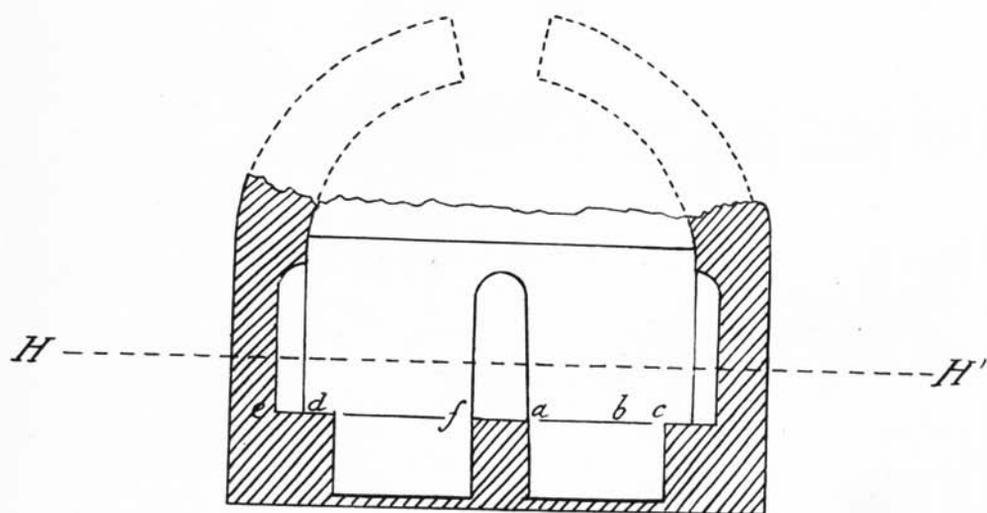


Fig. 23. — Projecção horizontal do Baptistério cortado por um plano horizontal passando por HH' na projecção vertical



Escala $\frac{1}{100}$

Fig. 24. — Projecção vertical do Baptistério cortado por um plano vertical passando por VV' na projecção horizontal

A e B (fig. 22) separados entre si por uma viela *V* na direcção NW. a SE. com 1^m,30 de largura e que cruza com outra viela *V'* a W. na direcção NE. a SW.

Esta última viela *V'* devia também separar outros dois quarteirões de casas fronteiros aos antecedentes, mas dêles só se vêem nas baixas marés alguns alicerces e parte de paredes-mestras de casas; porque as restantes partes desapareceram por efeito do embate constante das correntes das marés, que entram e saem pela bôca da Lagoa *L*, ou foram destruídas para lhes aproveitar os materiais para outras construções mais modernas.

No lado mais a NE. do quarteirão *A* distingue-se bem uma casa circular na forma de grande guarita.

Ocupando quási todo o pavimento circular desta casa estão abertos quatro tanques, ou banheiras iguais, com os bordos e fundos em forma de sectores circulares e com as paredes laterais rectilíneas ou cilíndricas, conforme correspondem aos raios ou aos arcos dos sectores.

Resta também grande parte da parede lateral e cilíndrica desta casa, sôbre a qual se apoiava uma abóbada em forma de cúpula, de que ainda restam as partes correspondentes ao saimel. Entre os arcos do bordo superior dos tanques e a parede cilíndrica da casa havia um passeio, em forma de coroa circular, que tinha apenas 0^m,3 de largura, não permitindo, senão com dificuldade, a passagem a qualquer pessoa pelo passeio, quando êste estivesse ocupado por outra pessoa. Esta dificuldade remediava-se, ainda assim, estando abertas na parede cilíndrica da casa quatro cavidades em forma de nicho, no mais próximo dos quais a pessoa que estivesse no passeio se podia recolher na ocasião em que outra pessoa quisesse passar pelo mesmo lugar. Estas quatro cavidades, ou nichos, correspondem cada uma aos centros dos arcos formados pelos bordos dos tanques (figs. 23 e 24). Em vista dêstes nichos houve quem attribuisse a êste edificio a função de templo do culto de Vesta¹, julgando-se os nichos destinados a estátuas; basta porém comparar as ruínas desta construção com os desenhos de edificios similares das conhecidas termas chamadas de Stabias, em Pompeia², para concluirmos que estamos em presença de um *frigidarium* coberto ou *baptisterium*, destinado

¹ Vid. Pinho Leal, *Portugal antigo e moderno*, s. v. «Vestal».

² Vid. A. Rich, *Dictionnaire de antiquités grecques et romaines*, s. v. «Baptisterium», e Thenedat, *Pompei*, vol. II, p. 107.

a banhos de água fria e que provavelmente faria parte de um *Balnearium* em que os outros compartimentos, que escaparam à destruição e embate das águas, ainda talvez se poderão encontrar soterrados nos sedimentos que actualmente cobrem uma grande parte das ruínas romanas em Tróia.

A parede lateral e cilíndrica desta casa era toda estucada e pintada de vermelho a fresco e não apresenta, por construção inicial,

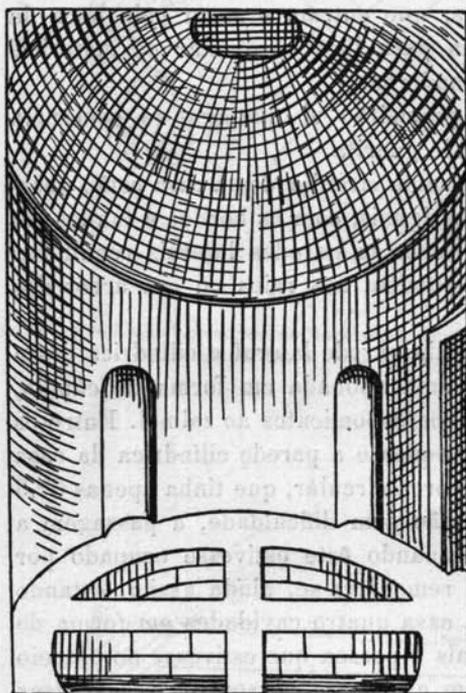


Fig. 25 — Perspectiva do Baptistério

abertura alguma por onde entrasse a luz do dia, o que nos faz supor que no lugar correspondente ao fecho ou cume da abóbada em cúpula, que cobria a casa, havia um óculo (*lumen*) por onde penetrava na casa a claridade suficiente vinda de fora. (Fig. 25).

Ao sul da viela *V'*, de NE. a SW., existem as ruínas de outro quarteirão *B* a que pertenciam pelo menos três casas, cujos vestígios estão patentes por terem sido levantados os sedimentos que os cobriam.

Na casa mais setentrional d'este quarteirão vêem-se no pavimento rectangular do rés-do-chão, e a cada um

dos dois cantos mais próximos da parede-mestra do lado da viela *V'* na direcção NE. a SW., um par de tanques que, assim abrigados no interior da casa, talvez fôsem reservados a viveiros de peixes para aí adquirirem um gôsto especial muito apreciado pelos romanos ricos, como já dissemos no capítulo anterior¹.

A Sociedade Arqueológica Lusitana iniciou em 1 de Maio de 1850 as suas explorações nesta casa da Bôca da Lagoa, mas por a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, edificada sôbre os sedimentos da

¹ Pode ver-se a estampa com uma vista desta casa n-*O Arch. Port.*, III, 158.

areia, lhe ficar sobranceira e ameaçar ruína com as excavações, desistiu de continuar neste lugar os seus trabalhos, tendo ainda, pelas excavações feitas, encontrado as paredes estucadas e pintadas a fresco. Também aí se encontrou um canjirão (*oenoque?*), uma almotolia (*epichysis?*) e uma lucerna de barro saguntino, tendo na



Fig. 26. — Lápide com baixo-relêvo representando Apolo e sacerdotes

face superior uma figura muito tósca, que foi tomada pela de um leão.

No mesmo quarteirão *B* e ao lado sul da casa anterior também restavam os alicerces, e pouco acima dêles parte de alguns muros das paredes-mestras de outra casa.

No pavimento rectangular desta casa havia quatro fileiras de tanques contíguos, cujo número em cada fileira não podemos bem determinar por ter sido levado grande parte do seu material para novas construções. Creio que os tanques desta casa tinham o mesmo destino do da casa anteriormente referida.

§ 2.º

A *E.* desta casa, mas em nível um pouco mais elevado, havia uma casa estreita e comprida na forma de corredor, onde se encontraram espalhados no solo cinco fragmentos de uma lápide de már-

more branco, os quais, reunidos pelos traços de suas fracturas, constituíam um quadro e parte de outro, esculpturados com figuras humanas em baixo-relêvo. (Fig. 26).

A julgar por tais figuras e suas atitudes, elas parecem representar scenas religiosas.

No quadro completo há quatro figuras de personagens, dois dos quais estão sentados dentro do convés, junto à amurada duma canoa ou *scapha*¹, e os outros dois fora do mesmo barco e em pé sobre o terreno, estando cada um junto de outro dos dois personagens sentados dentro do barco.

Todas as esculturas de personagens representam estas com a cabeça coberta com uma tiara com o respectivo redimiculo solto e as pontas deste caídas sobre os ombros; todos também vestem colóbio ou túnica de mangas curtas apertado na cinta com o cingulo, vendo-se sobressair das aberturas deste a *subucula* ou espécie de camisa de mangas compridas.

As figuras erguidas fora do barco são representadas em corpo inteiro e vestem calções, que chegam quasi até os pés.

De todos os personagens parece mais importante o que está sentado dentro da canoa e que tem a cabeça aureolada de um nimbo de onze raios divergentes, tendo a mão esquerda occupada em empunhar uma cornucópia (símbolo da abundância) e a outra estendida para o próximo personagem de pé, fora do barco, na attitude de lhe ter entregado outra cornucópia.

De todos os deuses do Olimpo greco-romano só o Sol, com o nome de Apolo, se demonstrava com tanta evidência e a elle ninguém podia negar a sua imensa grandeza e acção, por ser o astro mais radiante e que dá calor, vida e abundância a tudo o que respira e sem o qual tudo definha e morre. Por isso, é provável que tal personagem represente o Sol, que sempre, mas sob diversos nomes, foi a principal divindade principalmente no século terceiro antes de Cristo e, mais do que nunca, no século quarto².

O personagem de pé, fora do barco, mais próximo do anterior mostra ter recebido d'elle uma cornucópia com ambas as mãos numa attitude de submissa gratidão, motivo pelo qual deixou cair aos próprios pés um feixe de varas, solidariamente apertadas com fitas, constituindo uma espécie de *hyssope* para lançar a água consagrada

¹ Cf. esta palavra in A. Rich, *ob. cit.*

² Vid. Victor Duruy, *História de Roma*, trad. de Pinheiro Chagas, vol. III, p. 348.

a levar a quem se atirava a graça divina, e que era uma das insígnias sacerdotais¹.

¿Será tal personagem a representação dum sacerdote que recebia da grande divindade solar a cornucópia da abundância?

À esquerda do personagem nimbado vê-se outro, também sentado dentro do barco, sem nimbo, tendo o braço direito em amistosa intimidade a cingir o pescoço do personagem nimbado, sobre cujo ombro direito apoia a mão direita, em que ainda na escultura se divisam os dedos. Na outra mão também sustenta uma cornucópia.

Junto dêste personagem também está outro de pé, no terreno fora do barco, e sustendo pela asa na mão direita um jarro ou *epichysis*; no braço e mão direita também conserva junto a si um feixe de varas, igual ao que o outro personagem de pé deixou cair aos pés.

Apoiada sobre a terra, e entre os dois personagens de pé fora do barco, vê-se uma cratera (símbolo da Água)².

A esta cratera está enroscada uma serpente (símbolo da Terra)², cuja cabeça se introduz na cratera pelo seu bocal, parecendo desedentar-se.

Na porção do outro quadro, que escapou à destruição completa da lápide, vê-se um personagem que parece sair duma recôndita gruta (*spoelia*) por uma abertura sob abóbada em arco (imagem da abóbada celeste?).

Êste personagem veste indumento igual ao dos que figuram no quadro completo e também tem, além de um feixe de varas na mão direita, uma espécie de pá ou *batillum*³, também chamado incensor para conter brasas, onde se queimavam ervas cheirosas, exercendo assim as funções de turíbulo. Será êste personagem outro sacerdote?

Sobre a abertura, em forma de arco, da gruta, e donde parece surgir o personagem com o incensor, vê-se num medalhão o busto duma formosa mulher.

Conjecturamos que os dois personagens que figuram nas esculturas da lápide sentados dentro da *scapha* representam deuses, e os que estão de pé fora da *scapha* representam sacerdotes ou pontífices

¹ Vid. A. Rich, *ob. cit.*, s. v. «Pontifex». O Padre António Pereira de Figueiredo também numa nota ao vers. 4 do cap. XIV do *Levítico* dá notícia de tais feixes.

² Vid. Salomão Reinach, *Orpheu*, p. 101.

³ Vid. A. Rich, *ob. cit.*, s. v. «Batillum», e cf. *Levítico*, cap. x, vers. 1.

de qualquer culto religioso, com as insígnias com que tomavam parte no culto das suas divindades.

A atitude de todos os personagens e as insígnias religiosas talvez possam auxiliar quem pretender interpretar, com mais certeza, as scenas destes baixos relevos. Por nossa parte só procuramos orientar-nos sobre a determinação desse culto.

Sabe-se que a religião dos Romanos, tendo começado por um naturalismo idêntico ao dos outros povos indo-celtas, se ressentiu nos últimos tempos dum sincretismo religioso, isto é, duma combinação de dogmas e símbolos diversos, facto que era devido, não só aos constantes esforços dos filósofos estóicos que premeditavam, já de há muito tempo, reformar a antiga religião politeísta e convertê-la numa religião monoteísta, isto é, em que as múltiplas divindades pagãs eram absorvidas por um único deus, mas também à influência doutras religiões dos povos conquistados pelos Romanos sobre a sua milícia por estarem em contacto com ela.

Também os traficantes da Síria sob o império romano produziram no Ocidente uma verdadeira disseminação siríaca paralela à dos Judeus¹, e fundaram feitorias em muitas cidades, não só da costa mediterrânea mas também do interior das terras para onde levaram as religiões orientais¹.

Também se sabe que a multidão de escravos que havia em Roma, escandalizados com os maus tratos de grande parte dos seus senhores, favoreciam, em opposição a tais senhores, quaisquer cultos que não fôsem os adoptados por esses detestados senhores.

Por influência das conquistas, o Império romano encheu-se de adoradores de Attio, de Isis, de Osiris, de Serapis, de Sabazios, de Zeus, e de Mitra², que era o Sol em cujo culto se concentrava o de todas as divindades.

No Oriente Mitra era o Sol *invictus*, divindade comum aos Indios e Persas antes da sua separação, o que tinha domínio absoluto sobre todos os fenómenos que se produziam na terra.

O culto do Mitraísmo era tam divulgado e popular no Oriente que tanto os soldados romanos como os seus auxiliares que tinham estado na Síria o adoptaram e trouxeram para o Ocidente, onde, a partir do primeiro século depois de Cristo, contrabalançou a fortuna do Cristianismo.

¹ Vid. Daremberg & Saglio, *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. «Mithra».

² Vid. Salomão Reinach, *ob. cit.*, p. 154.

Se da Síria os soldados romanos trouxeram o culto de Mitra, do Egipto trouxeram o culto de Serapis, etc.¹

Em face de tal confusão de religiões, ¿qual seria a que se relacionasse mais com as scenas representadas na escultura da lápide achada em Tróia?

Tendo nós oferecido umã prova da fotografia, que em Tróia tirámos a esta lápide, ao Sr. Vergílio Correia, mui distinto archeólogo e professor de História da Arte na Universidade de Coimbra, êste senhor, em conversação comigo, concordou com a idea de que as esculturas dos quadros na lápide eram talvez representações das scenas do mitraísmo.

O mitraísmo foi uma das religiões que mais influência teve em Roma, principalmente no segundo século depois de Cristo.

Essa influência foi tal que chegou a invadir o mundo official e conquistou o favor declarado dos imperadores.

Cómodo (imperador de 185 a 192) até participou das suas cerimónias secretas. A dinastia dos imperadores siríacos (193 a 235) abriu as portas ao culto de Mitra, que favorecia os seus instintos despóticos.

Os colégios do mitraísmo com o fim de gozarem certos privilégios concedidos às associações funerárias, que estavam em certas condições jurídicas, constituíram-se nessas associações. A capela ou casa sepulcral de Tróia talvez por isso pertencesse a uma dessas associações.

Julgamos, pois, admissível a hipótese de as esculturas da lápide representarem scenas do novo culto do mitraísmo. Nessas esculturas se poderá conjecturar que a figura nimbada e aureolada com doze raios, como se vê no quadro completo e que parece ser a figura principal, seja a de Mitra ou Sol *invictus*, que no Ocidente tinha o nome de Apolo, o que pela sua grande energia irradia de si o calor, luz e vida que anima todos os seres da terra² e lhes leva a abundância por intermédio do sacerdote representado pelo personagem de pé fora do barco e que parece ter recebido de Mitra a cornucópia da abundância.

O outro personagem, sentado ao lado esquerdo do que também está sentado e nimbado, será o representante do Tempo na significação de deus da atmosfera, que dá a chuva ou água que rega a terra e sem a qual não pode haver fertilidade. A cratera repre-

¹ Vid. Oncken, *História Universal*, vol. II, p. 70.

² Vid. Victor Duruy, *ob. cit.*, vol. III, p. 160.

sentará a água, que o sacerdote aí mantém com a que recebe do Tempo; a serpente representará a terra, a qual se dessedenta na cratera.

No quadro incompleto estará representado um sacerdote saindo duma gruta (*spoelia*) sob um arco ou abóbada que representará o firmamento ou abóbada celeste. Talvez tal representação se relacione também com a obrigação que a religião mitraísta impunha aos seus adeptos de estabelecerem santuários em grutas, preferindo-se aquelas em que jorrava a água das fontes. A falta de caverna era suprimida por criptas subterrâneas, a que se dava o nome de *spelaeum*.

A figura de mulher formosa que está no medalhão será a de Cibele, a Magna Mater, cujo culto já tinha sido adoptado pelos Romanos antes da invasão do mitraísmo, mas que estava associado ao de Mitra.

O culto do Sol invictus ou de Mitra tinha grande analogia com o cristianismo: assim Mitra é o mediador entre Deus e os homens, tendo o baptismo a comunhão e os jejuns; os seus fiéis chamavam-se reciprocamente irmãos e no clero mitriaco havia homens e mulheres votados ao celibato, etc.

Santo Agostinho disse que a aproximação dos dois cultos era tanta, que um sacerdote de Mitra lhe tinha dito um dia que adoravam o mesmo deus.

Essa semelhança de carácter, porém, se no princípio deu motivo a relações de amigável condescendência talvez na esperança de um dos cultos absorver o outro sem luta, quando o cristianismo ia adquirindo mais preponderância, essa esperança faltou e então os dois cultos tornaram-se rivais e até tanto mais inimigos quanto pareciam mais semelhantes, vindo afinal o mitrianismo a ser mais violentamente combatido e esmagado pela igreja cristã do que qualquer outro culto.

O que não oferece dúvida é que alguém, não sabemos em que época, mas só por gosto de destruição ou fanatismo religioso intolerante, partiu a lápide esculpura e mutilou nela os rostos dos personagens mais importantes, como se vê na fig. 26.

§ 3.º

A E. do compartimento em forma de corredor, onde se encontrou a lápide com esculturas em baixo-relêvo e ao mesmo nível dessa estreita casa seguia-se uma ampla casa rectangular que nos parece ser das mais interessantes d'este quarteirão, não só pela

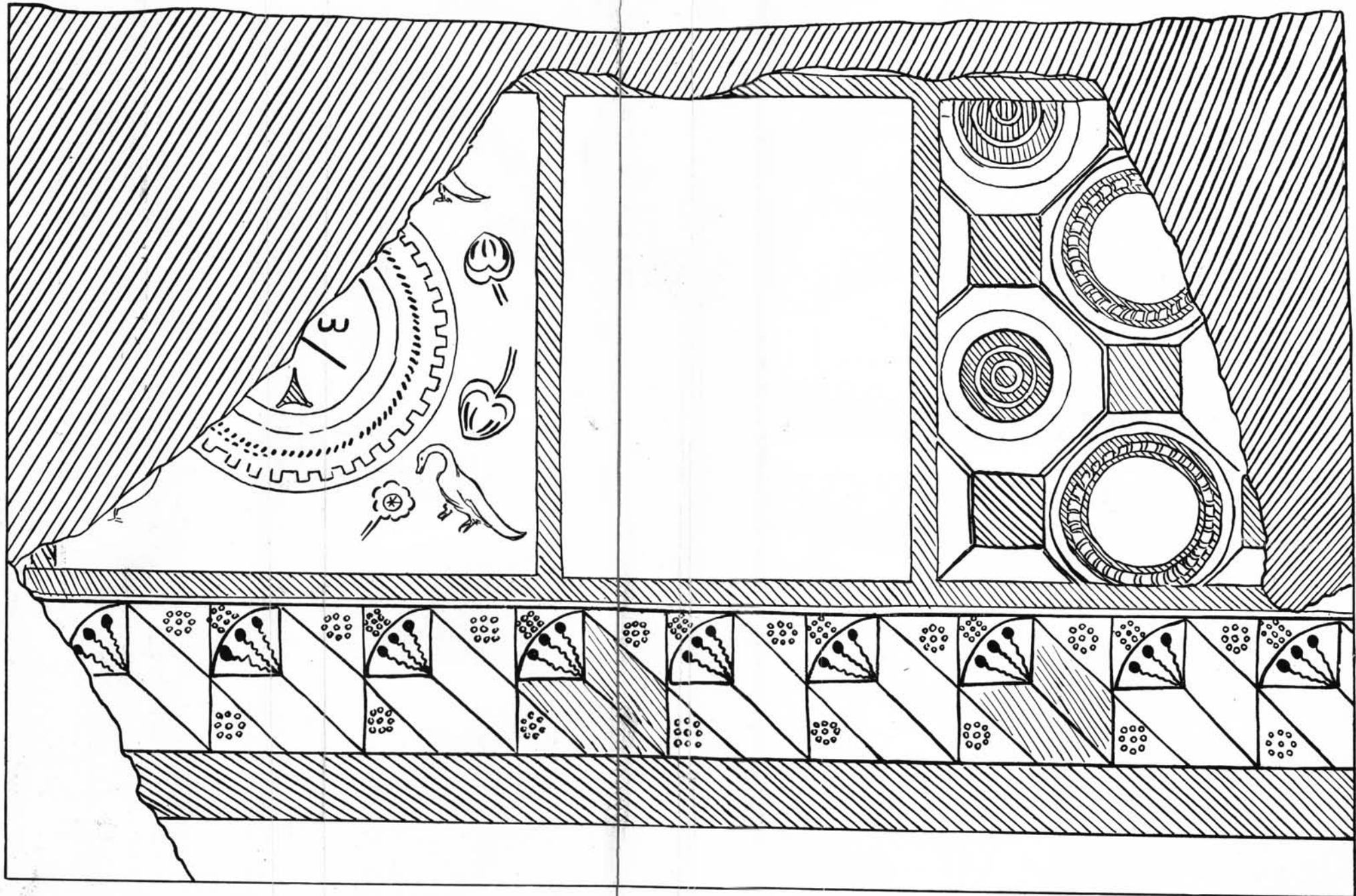


Fig. 27.— Pintura de quadro na parede do S.

decoração em sentido religioso e cristão, mas por o seu pavimento, segundo nos informou a pessoa que dirigiu umas excavações a fim de aproveitar material das ruínas para novas construções, estava repleto de arculas sepulcrais, algumas cobertas com fôlhas de fino mármore polidas.

Destas arculas ainda vimos algumas em que existiam peças do esqueleto humano em bom estado de conservação, como um crânio, um fémur e parte de outro.

Um fragmento de fôlha de mármore tinha gravada parte de uma

inscrição assim:  em que a 2.^a linha parece ser a con-

tinuação da palavra «Egyptia».

As paredes desta casa eram todas estucadas e pintadas literalmente a fresco.

Na parede do lado do Sul estão pintados três quadros emoldurados com tarjas vermelhas, havendo no campo de cada um pinturas. (Fig. 27).

No 1.^o quadro a partir da esquerda apesar de ter caído por estrago natural a parte de estuque pintado e ser substituído por um grosseiro rebôco sem pintura, ainda no tempo do domínio romano, restava ainda a maior parte da pintura do campo do quadro no centro do qual se vêem bem distintos os restos do sinal a que se poderá atribuir o complemento da forma bem conhecida do mono-

grama de Cristo: , composto das letras gregas: X (*chi*)

e P (*ro*) significando Cristo, e ladeado da primeira A (*alfa*) e última ω (*omega*), letras do alfabeto grego, atribuindo-se a todo o monograma a significação de: Cristo (Deus) principio e fim de todas as cousas¹.

Na pintura d'êste monograma falta por completo o quarto superior,

isto é: 

¹ Vid. *Apocalipse de S. João*, cap. I, vv. 8 a 17, cap. XX, v. 6, e cap. XXII, v. 13.—Vid. também *Isaias*, cap. XLII, v. 11, e cap. XLIV, v. 6.

Segundo L'Abbé Martigny só «em 355 depois de Cristo é que pela primeira vez se encontra o crisma entre as letras A e ω»¹.

É certo, porém, que muito antes de Cristo já se usava, ainda que sem as letras gregas laterais, tal sinal em moedas dos reis Ptolomeus do Egipto², nas dos reis aquenémidas da Pérsia, e também se vê nos monumentos assírios a cruz de quatro braços inscrita num círculo, que é o símbolo do Sol *invictus*, deus invencível, que dardeja os seus raios em todos os sentidos ⊕³.

O crisma pintado na parede desta casa de Tróia estava inscrito na parte central de um conjunto de coroas circulares concêntricas.

Nos três espaços angulares que ficam entre cada dois lados contíguos do quadro e a circunferência exterior do conjunto de coroas circulares vêem-se pintadas separadamente duas flores, cada uma na extremidade dum comprido pedúnculo, tendo uma delas a corola de oito pétalas aberta e a outra da mesma espécie ainda em botão.

Em nenhuma destas pinturas de flores se descobrem sépalas, parecendo-se assim com as de dormideiras⁴.

Entre as flores vê-se também em cada espaço angular uma elegante ave de plumagem branca, tendo o comprido colo lançado em curva graciosa como a dos cisnes, os pés como os dos pombos vermelhos e nus (nadantes), dos quais um parece pousado e o outro levantado, tendo cada pé quatro dedos dos quais os três da frente recurvados e o da retaguarda mais comprido e direito; as rectrizes da cauda são compridas. O bico é largo como o dos patos, mas arrebitado, e parece debicar o gineceu da flor aberta. É talvez uma ave fabulosa como era a Fénix mitológica, de uma beleza singular e que constituía uma divindade egípcia.

Tanto na antiguidade oriental como na clássica, a alma humana era representada também por uma ave⁵.

No 2.º quadro não havia pintura alguma de ornamento, e era todo pintado de negro.

O 3.º quadro era ornado com um conjunto de octógonos intercalados de quadrados, tendo os octógonos inscritos círculos e coroas

¹ Vid. L'Abbé Martigny, *Dictionnaire des Antiquités Chrétiennes*, s. v. «Monograma de Cristo», p. 478.

² Vid. A. Ambrosoli, *Manual de Numismatica*, fig. 23-bis a p. 35.

³ Vid. Victor Duruy, *ob. cit.*, vol. III, p. 346.

⁴ Vid. Gongora, *Antiguidades pre-históricas da Andaluzia*, onde a p. 55 diz: que «a dormideira é o símbolo do sono e a imagem da morte».

⁵ Vid. Salomão Reinach, *ob. cit.*, p. 43.

circulares concêntricas, pintados alternadamente de vermelho e a negro.

Talvez os círculos concêntricos representem o Sol ou o Firmamento, como no templo de Haldes ao norte do lago Van ou Arsissa em Musarir (na antiga Arménia)¹.

Na parede do lado ocidental da casa e nas outras paredes continuavam as pinturas geométricas do 3.º quadro ou painel.

Na parede inferior desta série de quadros rectangulares havia uma zona toda pintada com figuras geométricas de paralelogramos e subdivididas em quadrados e triângulos em que estavam inscritos sectores circulares e nestes pedúnculos divergentes, isto é, dispostos em forma de varetas de leque aberto e terminando por pequenos círculos pretos, talvez representando frutos ou flores em botão.

Em vista da disposição desta casa, das sepulturas nela achadas e das pinturas alusivas à suposta vida de além túmulo, supomos que este compartimento constituía uma espécie de casa sepulcral, tendo pertencido a um culto que aí se praticava reconditamente no interior dum edificio de maior sumptuosidade.

Parte das figuras pintadas no estuque a fresco das paredes talvez tenha relação com símbolos de diversas religiões remotas adoptados pelos cristãos, desde a época das perseguições, para com elles se reconhecerem mutuamente e os adversários ficarem desorientados a respeito da verdadeira crença que realmente tinha quem usava de tais símbolos comuns a várias religiões.

§ 4.º — Restos de obras de arte
e materiais de importância arqueológica achados em diversos lugares
próximos das ruínas das casas de habitação

Como dissemos noutro capítulo, Tróia era um dos pontos do itinerário que, segundo João Baptista de Castro, era seguido na viagem de Lisboa, passando por Setúbal, Melides, etc., para o Algarve.

O estado por vezes tempestuoso do estuário do Sado nem sempre permitia a sua travessia no regresso do Algarve a Lisboa, e por isso algumas vezes os passageiros demoravam-se em Tróia à espera de melhor tempo. Aí, à falta de alojamento, instalavam-se irreverentemente na capela da Senhora dos Prazeres, edificada no século xv, até que passasse a tempestade e o perigo da travessia do Sado.

¹ Vid. «História Antiga da Pérsia», pelo Dr. Fernando Justi, in Oncken, *ob. cit.*, vol. II, p. 13.

Mais tarde construíram-se hospedarias, não só para passageiros que tivessem de se demorar, mas também para acomodação do pessoal e animal permanentemente empregado no transporte de passageiros¹.

Já antes da construção das hospedarias a dita capela tinha sido edificada com materiais encontrados nas ruínas romanas próximas do local da capela, e por isso André de Resende, talvez por ver que na mesma capela existiam obras de arte, supôs que esta tinha sido um templo gentilico, sem observar que, se fôsse assim, êsse templo devia ser edificado no antigo solo da povoação romana e não em cima dos sedimentos de areia, que a mais de 12 metros de altura cobriram as ruínas de todos os edificios romanos.

Uma das obras de arte que André de Resende viu na casa dos Salemas, em Setúbal, mas que êle mesmo diz que tinha vindo da capela de Nossa Senhora dos Prazeres, era uma estátua de mármore já sem cabeça. (Fig. 28). Esta estátua tanto podia provir de um templo gentilico como de uma daquelas casas que os Romanos ricos mandavam construir com luxo, tendo o átrio ajardinado, decorado com diferentes estátuas e cercado de peristilo² como se vê nas ruínas da casa de Vetius, em Pompeia.

Também o mesmo André de Resende dá noticia de estar sôbre a porta da capela de Nossa Senhora dos Prazeres uma escultura em pedra a que atribui a função de representar Júpiter Amon. Nós, porém, julgamos que tal escultura poderia ser apenas a ornamentação dum utensílio de cozinha de casa sumptuosa, como seria a dum descanso (*chenion*) para espêto de assar carnes dos quais se têm achado exemplares em outras ruínas romanas, descansos que terminavam em esculturas representando cabeças de carneiro³.

Em todo o caso as ruínas do edificio romano que forneceu materiais para a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, quer fôsse templo, quer apenas uma casa sumptuosa, o que é mais provável é que fôsse, para evitar o trabalho de transporte, próximo do local

¹ No ano de 1510 já havia uma hospedaria em Tróia. No ano de 1611 um tal Bartolomeu Sequeira tinha em Tróia uma estalagem em terreno que herdou de seus maiores, a quem fôra doado em 1550 por D. Jorge de Lencastre, mestre da Ordem de S. Tiago (Vid. *O Arch. Port.*, iv, 20 a 40).

² Vid. Wilkins, *Antiquités romaines*, p. 37.

³ Vid. J. Déchelette, *Manuel d'Archéologie*, t. II, pt. III, pp. 1404 e 1407.

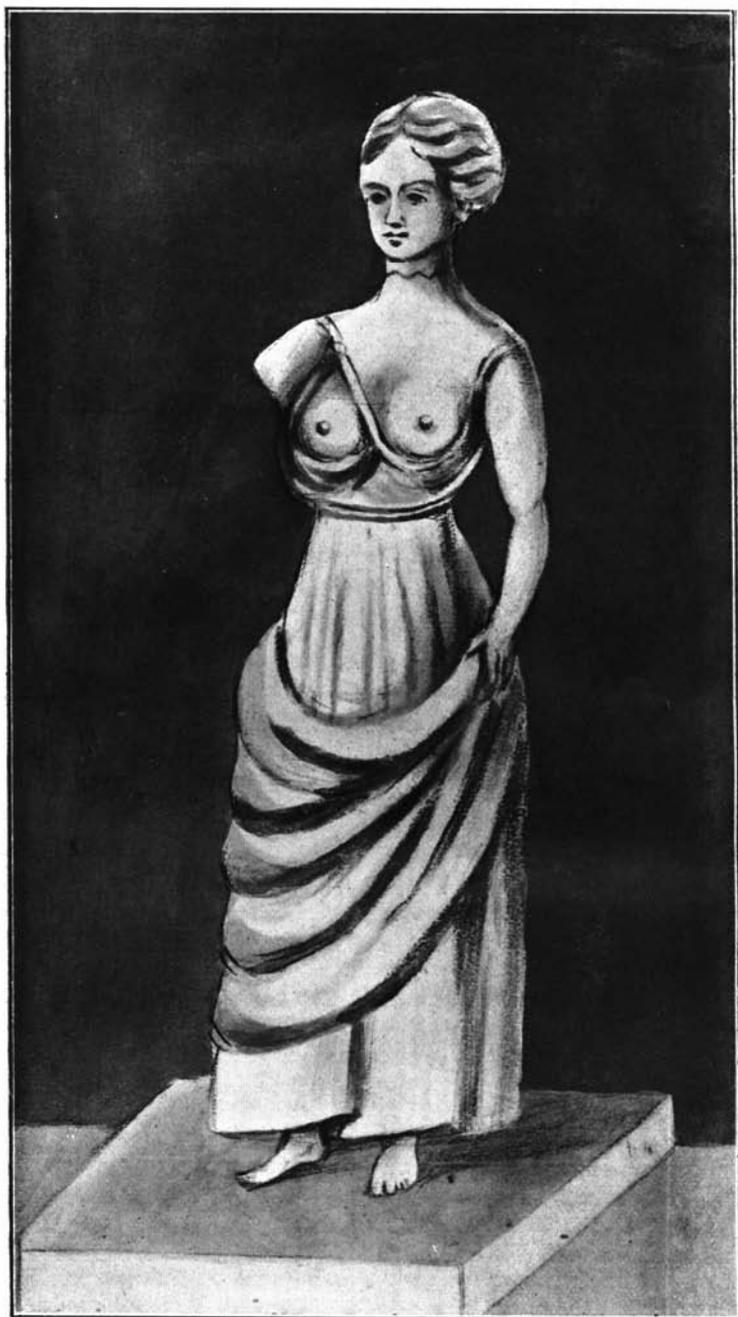


Fig. 28.— Estátua de j6vem

onde se fundou a capela no século xv, e o mesmo se pode dizer do sítio onde se edificaram as hospedarias de que ainda vimos as ruínas na área do quarteirão B, de que já anteriormente demos notícia de duas das suas casas.

Supomos também que foi a alguma das casas dêste quarteirão que Fr. Agostinho de Santa Maria se referiu¹ dando notícia de que um vereador de Setúbal o informara de que, quando pelo ano de 1700 tinha mandado abrir caboucos em Tróia para fazer estalagens, encontrou, segundo palavras textuais do dito vereador: «sepultado na areia e debaixo dela um templo gentilico, com colunas e capitéis de que ainda tem um de notável fabrico».

Achou muitas sepulturas com as ossadas de corpos humanos outras com cinzas, outros corpos pequenos metidos em vasos de barro, muitas sepulturas feitas de adobos², outras de pedra vermelha muito fina e muita quantidade de pregos e ferrolhos de bronze, sem haver entre elles coisa de ferro³.

As estalagens que o vereador tinha mandado construir ficavam em lugar próximo daquelle onde o actual proprietário, Sr. Soto Maior, mandou construir recentemente uma nova casa para sua habitação temporária. Talvez a casa sepulcral, recentemente descoberta pelas excavações destinadas a obter materiais para a construção da dita nova casa de habitação, seja o templo de que falou Fr. Agostinho de Santa Maria.

A estátua mutilada a que se refere André de Resende foi trazida para Setúbal e esteve por muito tempo embebida na parede exterior da casa dos Salemas, na actual Praça do Bocage, donde em 1868 foi levada para a Academia das Belas Artes, em Lisboa⁴, e daí para o Museu de Arte Antiga (às Janelas Verdes), onde a esboçámos em desenho à vista (fig. 28) e se encontra.

É de mármore de Estremoz, e tem 1^m,65 de altura e 0^m,64 na sua maior largura.

Figura uma jóvem vestida de colóbio, pois não tem mangas, a que André de Resende deu o nome de estola. O colóbio deixava ver os braços nus e pelo grande decote o peito até abaixo dos seios.

¹ Vid. *Santuário Mariano*, t. II, tit., 57, p. 414.

² Deviam ser adobos de barro cozido, isto é, tijolos usados nas sepulturas de inumação.

³ É provável que fôsem metais destinados a encerrar caixões onde se guardavam os cadáveres nas sepulturas de inumação.

⁴ Vid. *Diário Popular*, n.º 615, de 1 de Junho de 1868.

Sobre o colóbio vê-se a *palla* ou manto que desce dos ombros e é elegantemente apanhado com a mão esquerda um pouco abaixo da cintura, ficando ainda uma parte pendente.

A fig. 28 representa o esboço que fizemos à vista do desenho desta estátua, a que já faltava a maior parte do braço direito e a cabeça, e por isso acrescentámos com linhas pontuadas a restituição imaginária da cabeça e alguns dedos da mão esquerda e dos pés.

Tanto as colunas e seus capitéis, como a cabeça de carneiro e a estátua de mármore, que foram trazidos de quaisquer ruínas de edificios romanos para a capela de Nossa Senhora dos Prazeres, não são provas de que tais ruínas fôsem um templo; pois poderiam ter sido duma casa luxuosa tanto do gôsto dos romanos¹.

Não sabemos onde pára a cabeça de carneiro que André de Resende viu sobre a porta da capela de Nossa Senhora dos Prazeres.

Além dos objectos de que falaram André de Resende e Fr. Agostinho de Santa Maria, também o Livro da Visitação das Igrejas de Setúbal em 1510 da Ordem de Santiago (n.º 128 do Arquivo da Torre do Tombo) diz que existiam aos lados do altar-mor da ermida de Tróia dois grandes e bem lavrados capitéis de jaspe e um espelho. Estes objectos, que já há muitos anos desapareceram da ermida, talvez tivessem servido, antes de estarem na ermida, de ornamento ao edificio em cujas ruínas foram encontradas as colunas.

¹ Sobre este assunto, vejamos o que diz Victor Duruy a pp. 41 e 42 do vol. III da sua *História de Roma* (trad. de Pinheiro Chagas): «Os mármore, o estuque, elegantes pinturas ornavam as paredes e os tectos das habitações e, para que a vista estivesse sempre e em toda a parte agradavelmente impressionada, os sobrados tinham mosaicos, por vezes de soberba composição. No interior colunas de mármore sustentavam pórticos, onde o ar circulava livremente, e que tanto no estio abrigavam do sol, como de inverno concentravam as radiações solares e tornavam a casa sempre confortável. A cada passo se via uma estátua, um vaso precioso, um objecto de arte, ricas tapeçarias. Alguns compartimentos eram ornados com esmero especial. Assim o *atrium*, onde se collocavam os deuses lares, as imagens dos avós e plantas aromáticas que purificavam a atmosfera; perto d'este o *tablinium* e *exedra* para os visitantes; mais longo o *triclinium* para os convivas. Os pátios eram refrescados por jorros de água recebidos em bacias de mármore orladas de flores, como a rosa, o lírio, a violeta, a anémona e a murta artisticamente aparada. Quando havia lugar, algum belo plátano de casca lisa, de corte elegante e vigoroso, assombrava esse lugar.

O pátio dos Espanhóis lembra esse gôsto encantador».

O que supomos é que a casa sepulcral, recentemente descoberta no prédio que fez parte do quarteirão *B* e a que anteriormente nos referimos, é pelo menos parte duma casa luxuosa ou do suposto templo a que se referem André de Resende e Fr. Agostinho de Santa Maria, e que êsse prédio constituía algum edificio de habitação romana das mais importantes em Tróia ou casa sepulcral nos últimos tempos do Império; pois o costume usado na primitiva Roma de dar sepultura aos restos mortais humanos sob os lares domésticos, apesar de ser proibido em Roma como medida de policia higiênica por um artigo da lei das doze tábuas¹ (250 antes de Cristo), não podia atingir a península hispânica no tempo em que foi promulgada, independente de Roma e onde mais tarde, mesmo sob o domínio romano, não havia leis fixas, mas apenas à vontade do imperante ou o capricho do governador².



Fig. 29.—Capitel jónico

É por isto que vemos, dentro da povoação em ruínas de Tróia, vestígios de sepulturas do tempo dos romanos.

Em consequência da exploração mandada fazer pelo actual proprietário de Tróia para obter materiais de construção encontraram-se os seguintes objectos: várias colunas com seus capitéis talvez fazendo parte do peristilo de algum átrio, sendo a maior parte dos capitéis no estilo clássico coríntio e outra parte no estilo jónico, que tem sido chamado antigo³ (fig. 29), várias lucernas de barro, uma moeda de bronze do imperador Constantino, tendo no anverso o busto do imperador, uma abotoadeira de cobre do feitio das actuais (fig. 30) e um fragmento duma espécie de prancha de barro cozido

¹ A lei dizia: *Hominem mortuum urbe ne spelito ne urito*: «Na cidade não deve haver ninguém morto, quer sepultado quer queimado».

² Vid. Dória, *História*, vol. II, p. 75.

³ Êste capitel chamado jónico antigo tem a projecção do ábaco em forma de quadrado, as duas faces principais da frente e a oposta dessemelhantes às duas laterais, não havendo nestas senão dois rolos enfeitados com dois verticilos de fôlhas horizontais e simétricas, emquanto nas faces principais há quatro volutas em cada face, figurando, segundo se diz, o penteado das mulheres gregas.

Todos estes ornamentos do capitel jónico antigo diferem do jónico moderno em que neste o ábaco tem a projecção horizontal formada



Fig. 30
ESC. $\frac{1}{1}$

(fig. 31) tendo, a partir duma das faces maiores planas, abertas umas cavidades contíguas, cada uma com a forma tronco-piramidal quadrada com a base menor no fundo, furada de seis pequenos orifícios que se abrem na outra superfície maior oposta, tudo numa disposição muito regular e geométrica.

Têm-se encontrado fragmentos de placas semelhantes a esta no Monte Beuvrét, em Stradenitz, a que também se tem atribuído a função de servirem na fundição de metais preciosos e obter com elas barras curtas¹, de metal, que até à época dos decênviros (450 a 440 antes de Cristo) haviam



Fig. 31.—Molde de barro cozido

sido o único sinal representativo de valor nas transacções², adquirindo-se só depois o uso da moeda em forma de discos, que ainda conserva.

Devemos notar que o referido fragmento de prancha ou ladrilho de barro, achado na casa sepulcral de Tróia, já tinha servido de

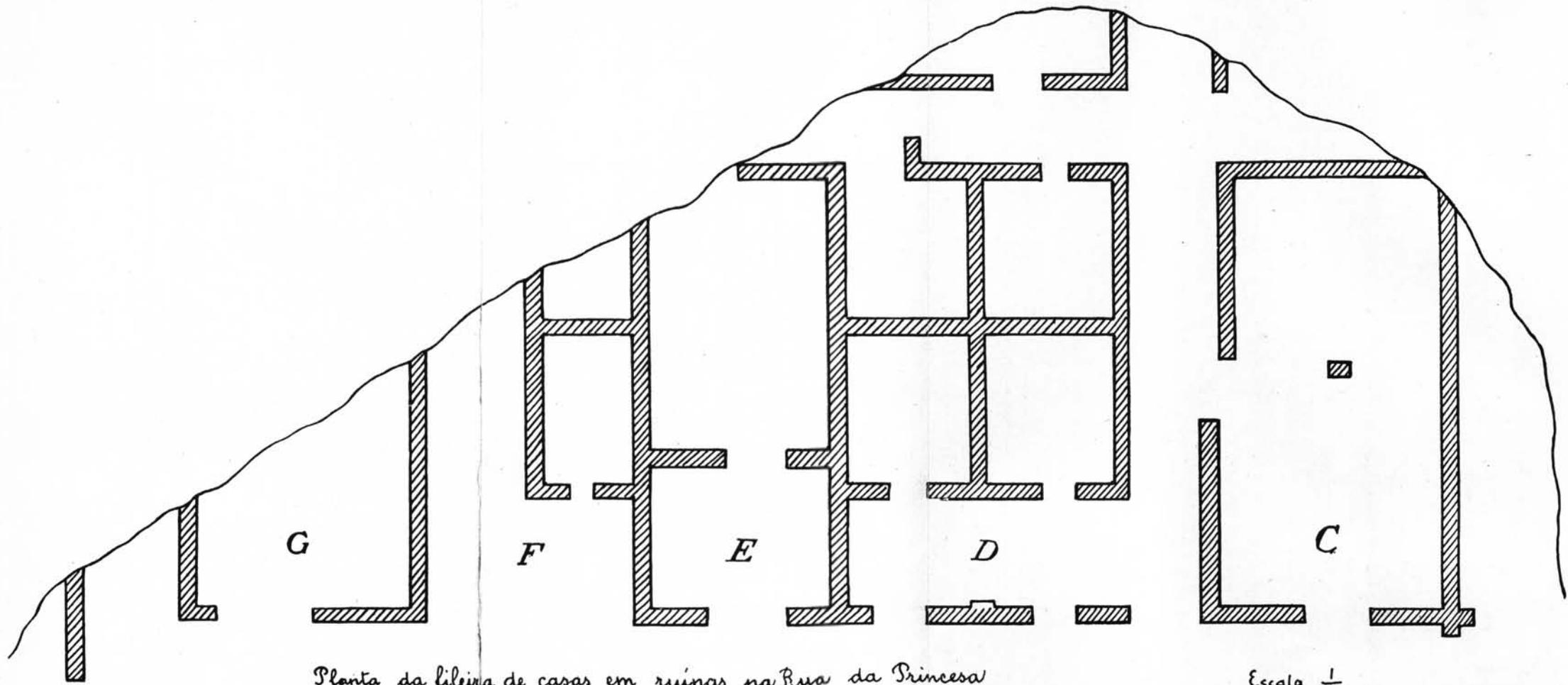
por quatro curvas reintrantes, cujas extremidades se podem julgar apoiadas nos vértices dum quadrado, as quatro faces do corpo do capitel todas iguais e tendo duas volutas cada uma, havendo ao todo oito volutas angulares em vez das quatro do jónio antigo sobre as faces principais e com duas ordens de fôlhas a ornar o resto do capitel.

(Vid. *Encyclopédie raisonné des sciences, des arts et des métiers*, par une Société de gens de lettres, mis en ordre par Diderot, Dalmembert, etc., t. III, p. 8, est. II).

¹ Vid. J. Déchelette, *ob. cit.*, t. II, pt. III, p. 1545.

² Vid. «Historia de Roma» pelo D.^{or} G. F. Herzberg, in Oncken, *ob. cit.*, t. IV, pp. 645 e 64.

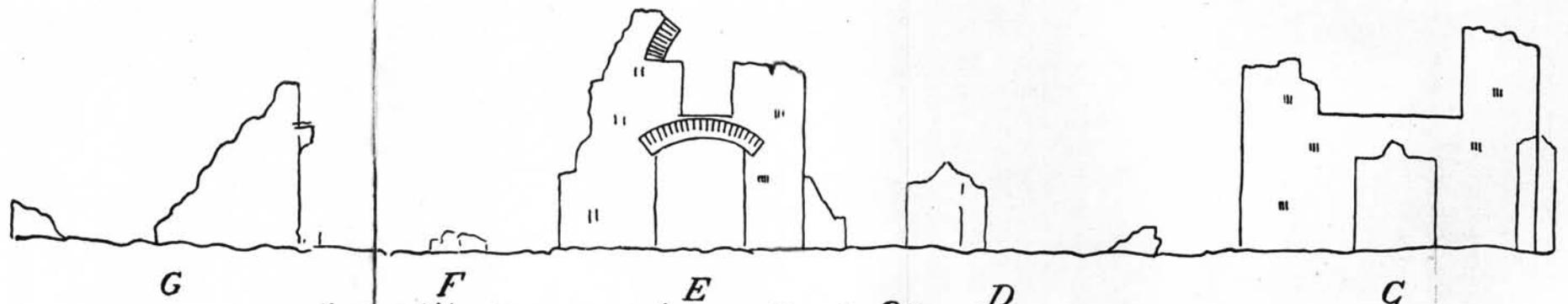
ESTAMPA V



Planta da fileira de casas em ruínas na Rua da Princesa

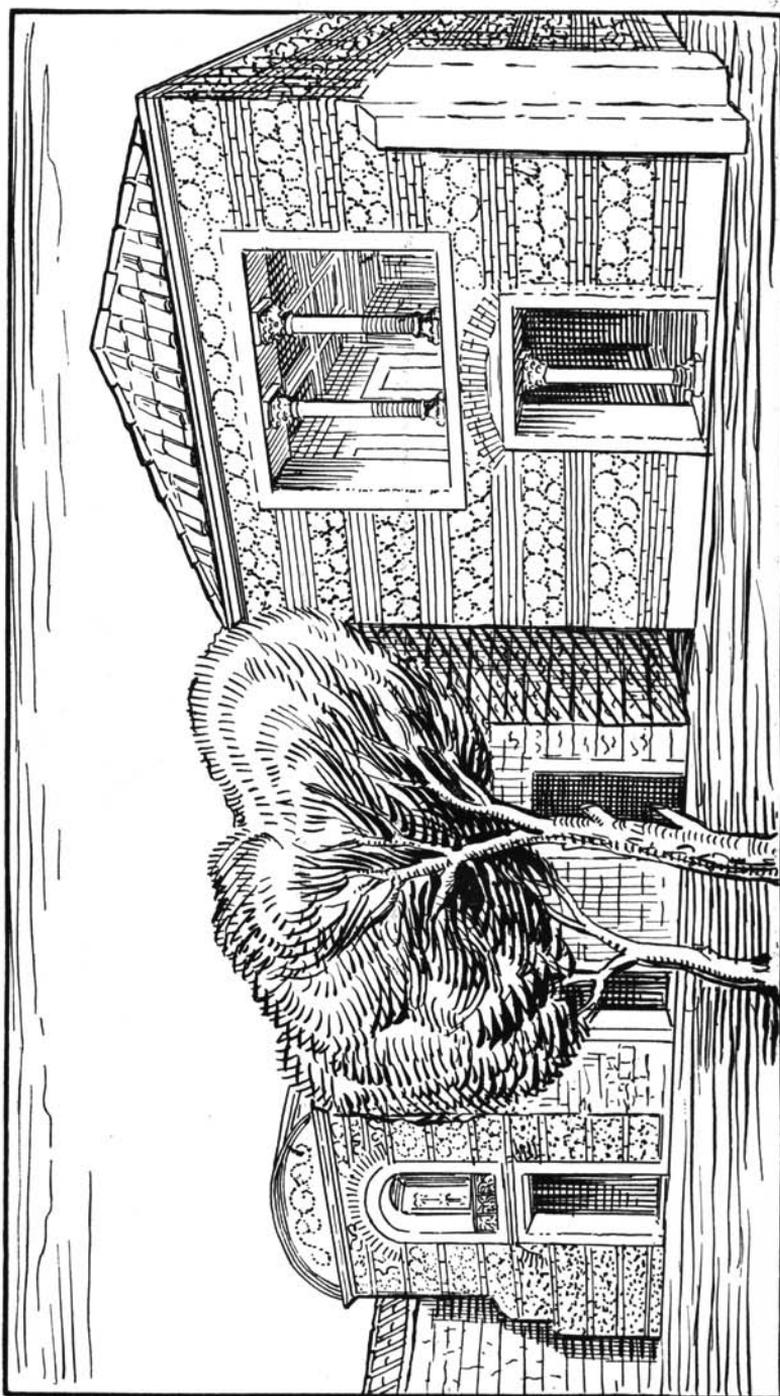
Escala $\frac{1}{200}$

Fig. 32



Alçado da fileira de casas em ruínas na Rua da Princesa

Fig. 33



C

D

E

Fig. 34.— Perspectiva do exterior da fileira de casas vista do N.



Fig. 35. — Coluna coríntia a servir de pelourinho

enchimento dum muro, como o prova a argamassa que preenche algumas cavidades e também está aderente à superfície; portanto a função a que primeiramente foi destinada, não se exercia no lugar onde foi achada, mas noutra que seria certamente uma oficina de fundição.

§ 5.º—Fileira de casas na chamada Rua da Princesa

Em um alinhamento paralelo à linha da costa de Tróia, do lado do estuário do Sado e distante dessa linha alguns metros, entre a Ponte do Verde e a Bôca da Lagoa, vê-se uma série de casas em ruínas cuja planta, alçado da frente e perspectiva da mesma frente, estão representados nas figs. 32, 33 e 34.

Esta fileira de casas impressionou tanto a princesa que mais tarde foi a rainha D. Maria I, na ocasião em que ia pelo Sado de viagem para a herdade do Pinheiro, nesse tempo pertencente à Casa do Infantado, que, na viagem de regresso, quis observar de mais perto as ruínas, e por isso, desembarcando em Tróia, aí mandou fazer excavações, que deram em resultado acharem-se muitos espécimes arqueológicos, alguns dos quais foram distribuídos pelos fidalgos da côrte que a acompanhavam; outros foram recolhidos nos museus do Marquês de Abrantes, Marquês de Angeja, etc.

Os cortesãos que acompanhavam a princesa deram ao espaço que fica entre a fileira de casas em ruínas e a praia o nome de Rua da Princesa, nome que também por vezes aproveitamos para a designarmos.

Um dos objectos mais notáveis que se encontraram nas excavações mandadas fazer pela princesa foi a bela coluna coríntia (fig. 35) que ela mandou que se erigisse em uma praça de Setúbal. Nessa ocasião o antigo pelourinho estava onde é agora o Largo da Ribeira (hoje do D.º Francisco Soveral) e nele se ostentava a cruz da Ordem de Santiago, pois Setúbal era uma das comendas desta ordem, cujo exercício pertencia ao Duque de Aveiro¹.

A ordem da princesa foi em parte cumprida, erigindo-se a coluna à entrada da Rua dos Sapateiros que se fazia pela Porta Nova; como porém neste lugar embaraçava o trânsito das segas, foi dali tirada e dada aos frades do Espirito Santo, para estes a elevarem no largo defronte do seu convento à Fonte Nova. Aí esteve prostrada alguns

¹ Cf. Inocência de Vilhena Barbosa, *As cidades e vilas da monarquia portuguesa que têm brasão de armas*, vol. III, p. 50.

anos, mas fazendo nesse lugar ainda obstáculo às corridas eqüestres por ocasião dos festejos, foi enterrada no mesmo largo¹.

Sendo demolido o pelourinho antigo da Praça da Ribeira, que representava a jurisdição do Duque de Aveiro, foi pelo Marquês de Pombal ordenada a construção de outro pelourinho em outra praça.

Foi então que o engenheiro Cabedo encarregado da obra, sendo informado da existência da bela coluna coríntia, a mandou exumar para a erigir como pelourinho na Praça de S. Pedro (que hoje tem o nome do Marquês de Pombal), à qual a dita coluna serve de elegante ornamento (fig. 35).

As excavações a que procedeu a Sociedade Arqueológica Lusitana em 1850 incidiram principalmente sobre o alinhamento de casas na Rua da Princesa, depois de ter desistido da exploração da casa de que já falámos no terreno junto à Bôca da Lagoa e à qual ficava sobranceira a capela de Nossa Senhora dos Prazeres.

Foi observando directamente as ruínas das casas da Rua da Princesa e com o auxílio dos «Diários» da excavação de Tróia, publicados nos n.ºs 10, 11 e 15 da *Revista Popular*, de 1850, e os restantes diários, existentes ainda em manuscrito, que foram entregues à Academia das Belas Artes em 1868², juntamente com outros documentos e livros respeitantes às mesmas excavações feitas pela dita Sociedade, que pudemos reconstituir mental e gráficamente as ditas casas. (Fig. 34).

§ 6.º

A casa C, representada à direita da fig. 34, é a que fica mais a W. da fileira a que aludimos.

As suas paredes externas eram, como observámos em todas as outras casas da mesma fileira, formadas por grupos de camadas de alvenaria³, como se vê na fig. 34.

Também observámos que as superfícies externas das pedras de alvenaria, que formavam as paredes, ficaram visíveis e com as

¹ Vid. Gregório de Freitas, *Memorias geográficas e históricas da provincia da Estremadura*, manuscrito da colecção do Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa, n.º 208, fls. 88 e 89.

² Cf. A. C. de Almeida Carvalho, *Cetóbriga*.

³ Nas ruínas romanas do Aqueduto dos Milagres, em Mérida, observa-se que sendo «a obra de formigão, é o revestimento de silharia granítica alternada com tijolo, porém de tal maneira que entre cada cinco fiadas de silharia há uma zona formada por cinco fiadas de tijolos. Desta combinação resultá um vistoso aspecto de-

juntas ornamentadas com séries de pequenas pedras escuras, que nos pareceram provir de qualquer afloramento do filão da Pedra Furada, que fica na margem oposta do Sado. Estes ornatos, que também foram observados na ocasião das explorações feitas pela Sociedade Arqueológica Lusitana, levam-nos a julgar que as superfícies das paredes exteriores não eram rebocadas, ficando portanto a verem-se na parede externa as camadas alternadas de tijolos e alvenaria, o que propositadamente produzia um agradável efeito estético, como se vê na fig. 34.

Em Roma havia casas com as paredes construídas da mesma maneira¹.

Na fachada da casa voltada para o Norte e para o estuário do Sado abre-se um largo vão de porta que dava entrada para o rés-do-chão da casa, e sobre este vão, a uma distância vertical de 1^m,5 e correspondendo a um 1.º andar, vimos a parte inferior de outro vão de janela, sobreposto ao da porta, mas muito mais largo do que o desta. (Fig. 34).

Correspondendo aos umbrais da porta vimos, embutidos nos rebaixos do muro, restos de tacos ou pernos de madeira que ligavam a parede aos alizares, que também supomos que tivessem sido de madeira.

Pelas excavações a que procedeu a S. A. L. viu-se que o vão da porta do rés-do-chão era bipartido por uma coluna coríntia de mármore azulado, de que se encontrou o capitel e parte do fuste².

No 1.º andar, e por cima da porta, abria-se a larga janela já acima referida. O vão desta era tripartido por duas colunas coríntias com as bases de mármore, os fustes formados até meia-altura com ti-

corativo que oferece aquela série uniforme de esbeltos pilares, com as suas faixas sobrepostas das duas citadas classes de material, cujas côres cinzenta (a do granito) e vermelha (do tijolo) fazem destacar seu fino perfil sobre o fundo celeste do espaço» (Vid. Maximiliano Macio Liañez, *Mérida monumental e artística*, Barcelona 1913, p. 45, na parte I, que trata dos Monumentos da idade antiga.

¹ Cf. Oncken, *ob. cit.*, vol. IV, p. 646, na figura com o título: «Uma rua de Roma».

² Vid. *Anais da Sociedade Arqueológica Lusitana*, n.º 3, p. 35.

Em Mérida também se vê numa galeria interior do aljube, na fortaleza ou Alcázar, um arco de abóbada, de época indeterminada, tendo o seu fecho sustentado por uma coluna com capitel coríntio (Vid. Maximiliano Macio Liañez, *ob. cit.*, p. 139, na parte II, que diz respeito aos Monumentos da idade média e moderna).

jolos talhados em sectores de quarto e de meio círculo e daí para cima, como também os capiteis, de mármore¹. Estas colunas ficavam na vertical que passava pelas ombreiras da porta de entrada no rés-do-chão².

O cunhal do lado W. da frontaria da casa era reforçado por meio de dois contrafortes com largura igual à espessura das paredes-mestras da casa, e chegava à altura da mesma. (Fig. 34).

Na ocasião de esta casa ser desaterrada pelos trabalhos da S. A. L., encontrou-se «grande quantidade de telhas partidas, alguns telhões e grandes telhas de forma achatada ladeadas dum pequeno

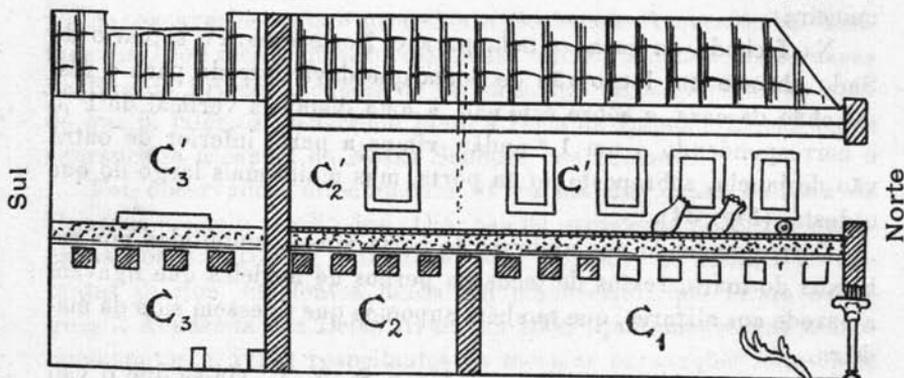


Fig. 36—Corte vertical e longitudinal de N. a S. na casa de W. do alinhamento da Rua da Princesa

ressalto³, fabricadas dum barro amarelo ou côr de greda, enquanto os outros eram de barro avermelhado muito semelhante ao das telhas modernas»⁴.

¹ Vid. o citado *Diário da 6.^a semana*, manuscrito pelo seu autor João Carlos de Almeida Carvalho, existente no Museu de Arte Antiga. No Museu do Vaticano existe um baixo-relevo grego com janelas de forma semelhante (Vid. A. Rich. *ob. cit.*, s. v. «Fenestra»).

² Vid. *Anais da Sociedade Arqueológica Lusitana*, n.º 3, p. 35.

Nas vistas do templo de Ísis e das casas de Cornélio Rufus e de Marco Halcónio, em Pompeia, vê-se claramente que as colunas eram formadas de tijolos a verem-se até meia altura, e daí para cima de mármore, o que parece ter sido feito com o fim decorativo.

³ Eram *tegulae*, como ainda aí se encontram fragmentos.

⁴ Eram *imbres*, como também aí observámos; a côr é devida à cozedura mais acentuada.

Tanto as *tegulae* como os *imbres* eram provenientes do telhado de que seria coberta a casa.

Vid. *Anais da S. A. L.* n.º 3, p. 35.

As paredes exteriores do lado de Leste do prédio, junto à viela do mesmo lado, não era tôda unida num só plano. Na parte correspondente aos compartimentos mais meridionais era mais recolhida, deixando junto à viela uma estreita faixa, talvez destinada a dar lugar a uma escada exterior para subir ao 1.º andar.

No interior o rés-do-chão tinha dois compartimentos, C_1 , C_2 (fig. 36), dispostos a seguir de N. a S. O piso dêste rés do-chão era

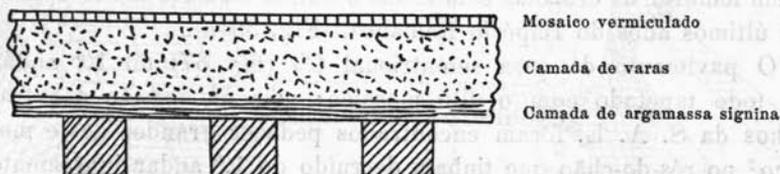


Fig. 36-a

todo ladrilhado com *lydia* ou tijolos triangulares. No compartimento C_1 do lado do Norte foi encontrada uma armação de veado¹.

O compartimento meridional C_2 era subdividido em duas partes apenas por um pilar quadrangular.

No compartimento C_3 do rés-do-chão foi encontrada pelas excavações que mandou fazer a S. A. L. uma sepultura rectangular, de inumação, construída de cal e tijolo, contendo no interior um cadáver que, segundo diz um dos relatores do *Diário* da S. A. L., se desfez logo que lhe tocou o ar².

O 1.º andar era separado do rés-do-chão por um pavimento que era constituído da seguinte maneira: sôbre vigas de madeira, cujas extremidades se introduziam nas paredes-mestras em buracos que ainda se observam, dispunha-se uma delgada camada de varas ou canas que serviam de cêrcea para sustentar, enquanto estivesse mole, uma camada de argamassa com a grossura de 0^m,1 aproximadamente, e que era constituída por cal, areia e pequenos fragmentos de tijolo britado. Esta argamassa (*opus signinum*) formava depois de sêca uma sólida massa muito resistente e impermeável.

¹ Vid. o *Diário* da 6.^a semana, já citado.

² Assim consta no *Diário* da 9.^a semana, por João Maria Peres.

Se o relatório do *Diário* se refere, como parece, a todas as partes do cadáver incluindo os ossos, temos muitas dúvidas sôbre esta redução a pó de todo o cadáver; porque temos observado que a areia de Tróia não tem o poder de desagregar e destruir outros ossos que nela ficaram e estão enterrados desde o tempo dos Romanos.

Foi sobre esta argamassa que no pavimento do compartimento da frente do 1.º andar d'êste prédio se formou um mosaico da espécie *opus vermiculata*, assim chamado por ser constituído por pequenos cubos de pedra (*tesselae*) de diversas côres e que, à semelhança dos anéis dos vermes, se dispunham em séries para formar diversos labores com várias formas, mas em que predomina a de representação de fitas entrelaçadas formando desenhos, que fazem lembrar as cruzetas estilizadas e outros torcidos muito usados nos últimos anos do Império Romano¹. (Fig. 36-a).

O pavimento da casa setentrional C'₁ (fig. 37) do 1.º andar era todo tapetado com o dito mosaico: pois na ocasião dos trabalhos da S. A. L. foram encontrados pedaços grandes d'êste mosaico² no rés-do-chão que tinham derruído do 1.º andar juntamente com o pavimento de argamassa signina, certamente quando o vigaumento foi extraído para lhe dar outra aplicação antes de o prédio ser inundado e coberto pelos sedimentos de areia.

Em volta do dito pavimento e junto das paredes laterais vimos uma espécie de guarda-pés de argamassa signina, igual à do pavimento subposto ao mosaico.

Na parede setentrional d'êste compartimento abria-se a larga janela (fig. 37) tripartida por duas colunas coríntias, a que já aludimos quando descrevemos o frontispício desta casa, e por ela entrava a jorros o ar e a luz que inundava a casa. Dessa janela sobranceira à superfície do estuário do Sado, se tivesse como agora a vista desembaraçada, devia disfrutar-se um belo panorama do estuário do Sado, limitado ao longe pelos pitorescos recortes do morro de Palmela e serranias adjacentes.

As paredes dos compartimentos do 1.º andar eram tôdas estucadas e ornamentadas com pinturas a fresco, representando painéis rectangulares sem figuras, emmoldurados em barras também lisas, em que alternavam as de fundo amarelo e barras roxas com as que se lhes seguiam de fundo roxo e barras amarelas. (Fig. 37).

Na ocasião em que as paredes estucadas foram descobertas pelo trabalho da S. A. L. achavam-se elas como pulidas, reflectindo, como em espelhos, os objectos que se lhes punham em frente³.

¹ Vid. J. Déchelette, *Essai sur la Chronologie Préhistorique de la Péninsule Ibérique*, pp. 90 e 99.

² Vid. *Diário 4.º das excavações*, da S. A. L.

³ Vid. *Anais da S. A. L.*, n.º 3, p. 34, e *Diário da 6.ª semana dos trabalhos da mesma Sociedade*.

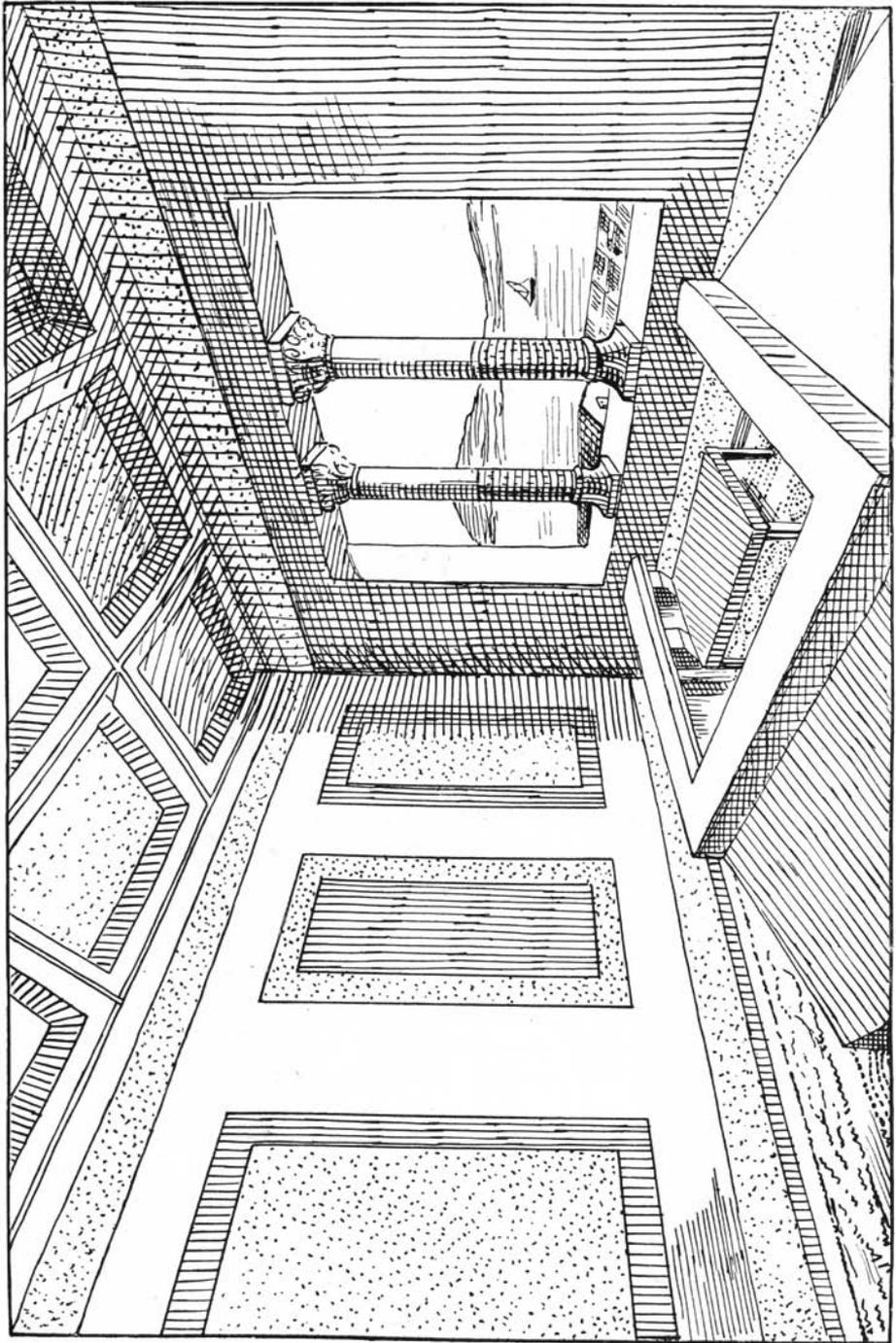


Fig. 37. — Perspectiva do compartimento interior do 1.º andar na casa mais a W.

Neste compartimento C' foram encontrados pelos trabalhos da S. A. L. os seguintes objectos soltos:

- a) Duas ânforas, estando uma inteira, em posição vertical, e a outra quebrada, contendo 1:838 moedas de cobre do alto e baixo Império e cunhadas em Antióquia, Constantinopla, Cartago, Roma, Leão, Aquileia, etc.
- b) Uma lucerna sepulcral de barro ordinário.
- c) Um prato de barro saguntino.
- d) Um vaso lacrimatório de barro com uma falha na boca (fig. 38).
- e) Um alvião de ferro.

O compartimento médio C'_2 (fig. 36) era decorado da mesma maneira do que o anterior do lado do Norte.

No compartimento do 1.º andar do lado do Sul, C'_3 , havia-se construído, sobre o pavimento de argamassa signina e ao centro da casa, um lar (*focus?*) como o das actuais chaminés, mas quási raso, tendo em roda um pequeno ressalto de tijolo que assentava sobre a argamassa. Êste pavimento porém não tinha mosaico e estava mais derruído sobre o rés-do-chão por terem sido arrancadas as vigas sobre as quais assentava¹.

Nestes dois compartimentos do lado do Sul, C_3 e C'_3 (fig. 36), foram achados os seguintes objectos soltos:

- a) Uma ola de barro em forma de panela².
- b) Um vaso de barro ordinário de forma semelhante aos tachos actuais².
- c) Um vaso de barro semelhante às actuais almotolias².
- d) Três pedaços de pano de linho muito grosseiro³.
- e) Vários bocados de tecido de esparto³.
- f) Moedas de bronze dos Imperadores: Trajano (98 a 117 depois de Cristo), Antonino (136 a 161), Gordiano (230 a 244), Júlio Filipe (244 a 249), Galiano (254 a 268) e Graciano (357 a 383)⁴.

g) Uma sepultura construída de cal e grandes tijolos, tendo dentro um cadáver⁴.

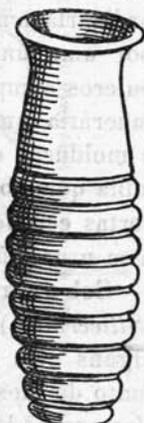


Fig. 38

¹ Se não tivessem sido arrancadas antes da inundaçãõ de Tróia ainda é provável que existisse no tempo da S. A. L.

² Vid. *Diário da S. A. L. na 10.ª semana* existente no Museu de Arte Antiga.

³ Vid. *Diário da S. A. L. na 6.ª semana*.

⁴ Vid. *Diário da S. A. L. na 10.ª semana*.

Alguns destes objectos, principalmente as sepulturas de inumação de forma rectangular (*arcula*) e os dois cadáveres humanos, bem como outros objectos, como o lacrimatório de barro e a lucerna sepulcral, sugerem-nos a hipótese de que o compartimento térreo foi destinado a câmara sepulcral, depois de ter servido de habitação, e que todo o edificio serviu de sepulcro, onde se exerciam as cerimónias do culto que os Romanos costumavam prestar aos mortos de sua família.

A. Rich a este respeito diz o seguinte no seu *Dictionnaire des antiquités grecques et romaines*, s. v. «Sepulchrum»: «Os despojos mortais, tanto dos cadáveres inumados como dos incinerados, eram ordinariamente e em geral depositados em sepulturas constituídas por uma única câmara funerária isolada, mas havia também sepulcros sumptuosos e de mais luxo que tinham por cima da câmara funerária um ou dois andares ricamente decorados com pinturas e molduras em estuque, os quais serviam para os membros de família quando vinham cumprir sobre o túmulo dos seus antepassados certas cerimónias religiosas. Estes andares nunca recebiam túmulos nem urnas fúnebres».

Sob a verba «Silicerna» diz ainda A. Rich: «Estas festas funerárias (*Silicernium*) em honra dum morto, no mesmo dia das exéquias ou alguns dias mais tarde, consistiam em banquetes que tinham lugar junto do mesmo túmulo, e era para este fim que serviam as câmaras ricamente decoradas que se encontram freqüentemente nas dependências das sepulturas, mas que nunca recebiam depósitos fúnebres. Pode-se ver ainda um *triclinium* em regra, com seus leitos e mesa, em um dos monumentos fúnebres de Pompeia».

Em vista destas afirmações julgamos que o compartimento mais ao Norte C'1 (fig. 37) deste prédio, pela decoração do seu pavimento em belo mosaico, como pelas pinturas sobre o estuque a fresco que revestia as paredes, e ainda pela bela vista que se disfrutava da sua ampla janela tripartida, seria destinado ao triclinio da casa por ocasião das festas do *Silicernium*.

§ 7.º

O prédio que acabámos de descrever no § anterior era limitado a E. por uma viela que o separava dum quarteirão D, cujo estado ruinoso na maior parte não permite saber se só tinha rés-do-chão ou também andares superiores; apenas o último do lado de Este E permite pelo seu melhor estado de ruína semelhante à do já descrito a W., fazer parte da sua restituição.

Para distinguir esta casa *E* da que deixámos descrita *C* no lado *W.*, do alinhamento, designá-la hemos com a letra *E* (fig. 34).

As ruínas dêste prédio apresentam claras provas da existência de um rés-do-chão e 1.º andar, cada um com vários compartimentos.

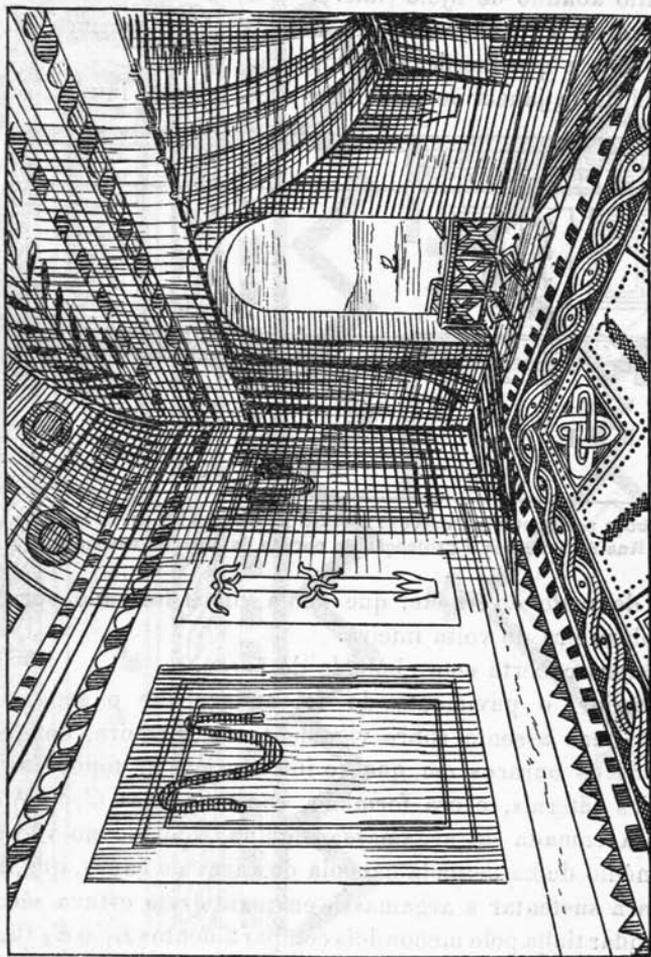


Fig. 39. — Perspectiva do Tricínio da casa do lado Este do Alinhamento

As paredes exteriores eram, como no prédio *C* de *W.* do alinhamento, formadas por camadas alternadas de alvenaria e de tijolo; as camadas de tijolo diferem porém das do dito prédio em serem compostas só de duas fiadas (fig. 34) e não de cinco.

Como na casa de *W.*, nas juntas das pedras de alvenaria a argamassa que as ligava estava incrustada de séries de pequenas pedras ferruginosas com aproximadamente um centímetro cúbico de

volume, talvez provenientes da Pedra Furada, formando adornos que cercavam as superfícies das pedras à vista.

No nível do rés-do-chão e ao meio do frontispício, vê-se aberto o vão duma larga porta, cuja vêrga devia ser aliviada por um arcete muito abatido de tijolo (*later*).

À altura do 1.º andar abria-se uma janela da largura da porta no rés-do-chão e que lhe ficava sotoposta.

O lintel desta janela devia ser em arco de volta inteira, segundo

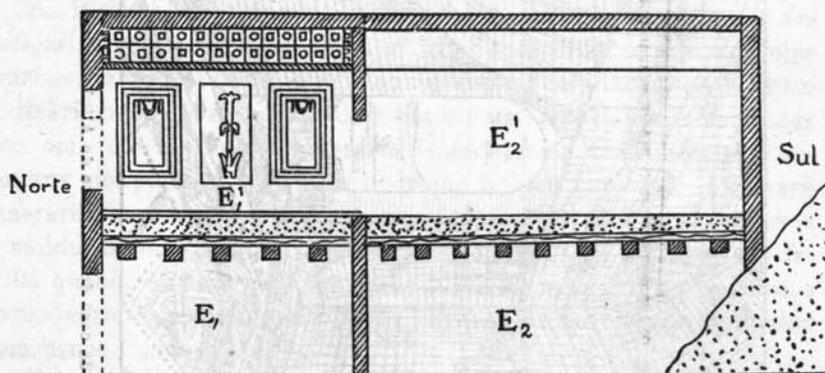


Fig. 41. — Esbôço perfuntório da secção vertical na direcção N.-S. ao meio da casa E da Rua da Princesa e projecção da parede de Este da mesma casa

inferimos do resto do arcete, que ainda vimos formado por tijolos e que também era de volta inteira.

A casa era coberta com abóbada de berço.

No interior, o pavimento do 1.º andar, que o separava do rés-do-chão, era assente sôbre vigamento de madeira, de que são testemunhas os buracos em que se introduziam os topos das vigas nas paredes laterais, e era formado, como na casa C de W., por uma grossa camada de argamassa signina, apoiado no vigamento por intermédio duma delgada camada de varas ou canas, que tinham servido para sustentar a argamassa enquanto não estava sêca.

O 1.º andar tinha pelo menos dois compartimentos E_1' e E_2' (fig. 41).

O pavimento da divisão da frente de E_1' era também coberto, como na casa C de W. do alinhamento, com um belo mosaico de duas côres, como se vê na fig. 40.

As paredes eram estucadas e pintadas a fresco (fig. 41). Em fundo amarelo figuravam painéis rectangulares todos da mesma altura, mas alternadamente um mais largo com outro mais estreito. Os mais largos eram pintados, tanto no fundo como nos desenhos das molduras, a roxo antigo, na parte superior de cada um destes

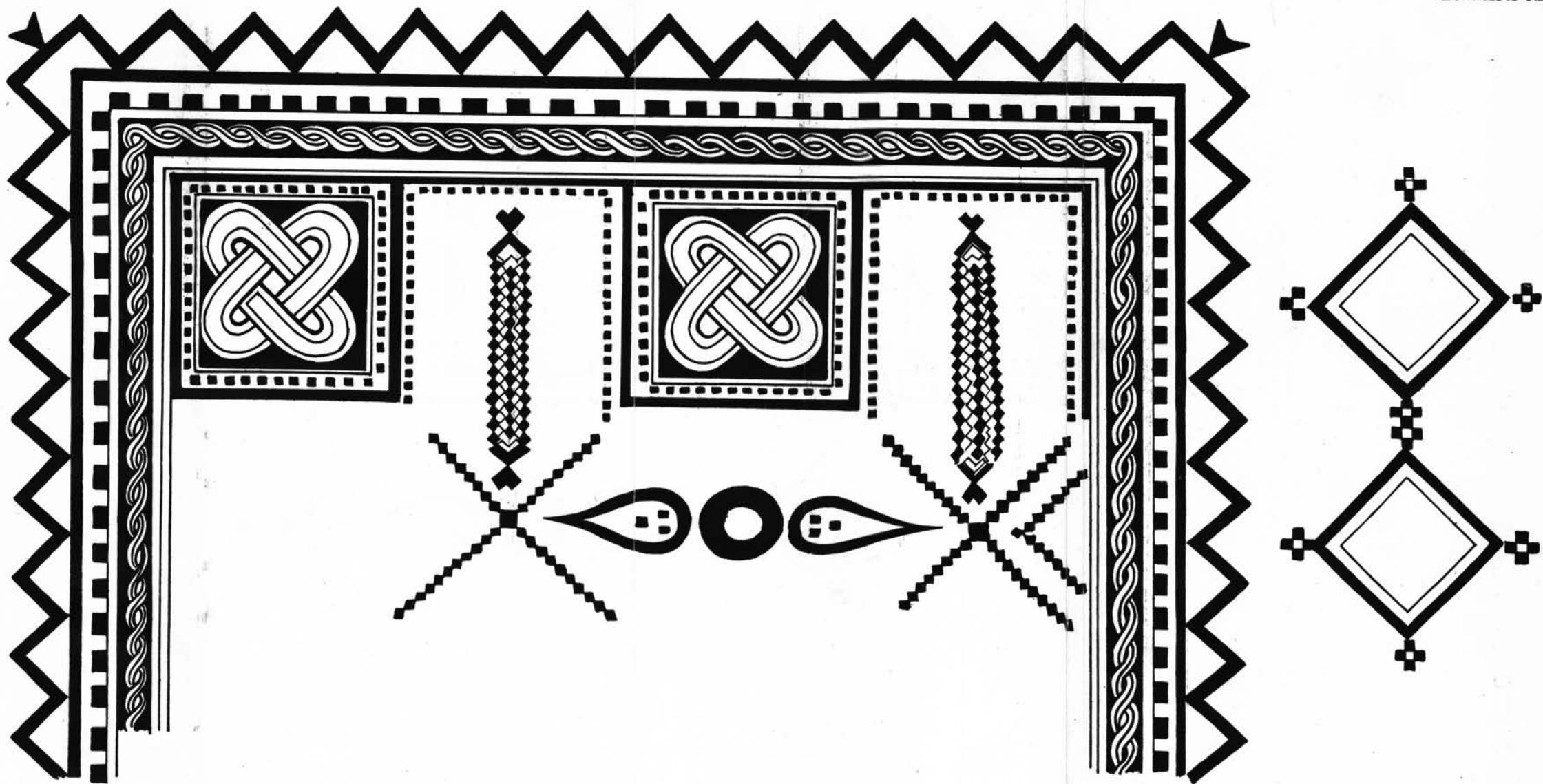


Fig. 40. — Mosaico no pavimento da casa ao N. do 1.º andar da casa a E.

ESCALA $\frac{1}{12}$

quadros havia uma espécie de vara, ou filete horizontal, donde pendiam bambinelas suspensas em dois pontos da dita vara. Êste

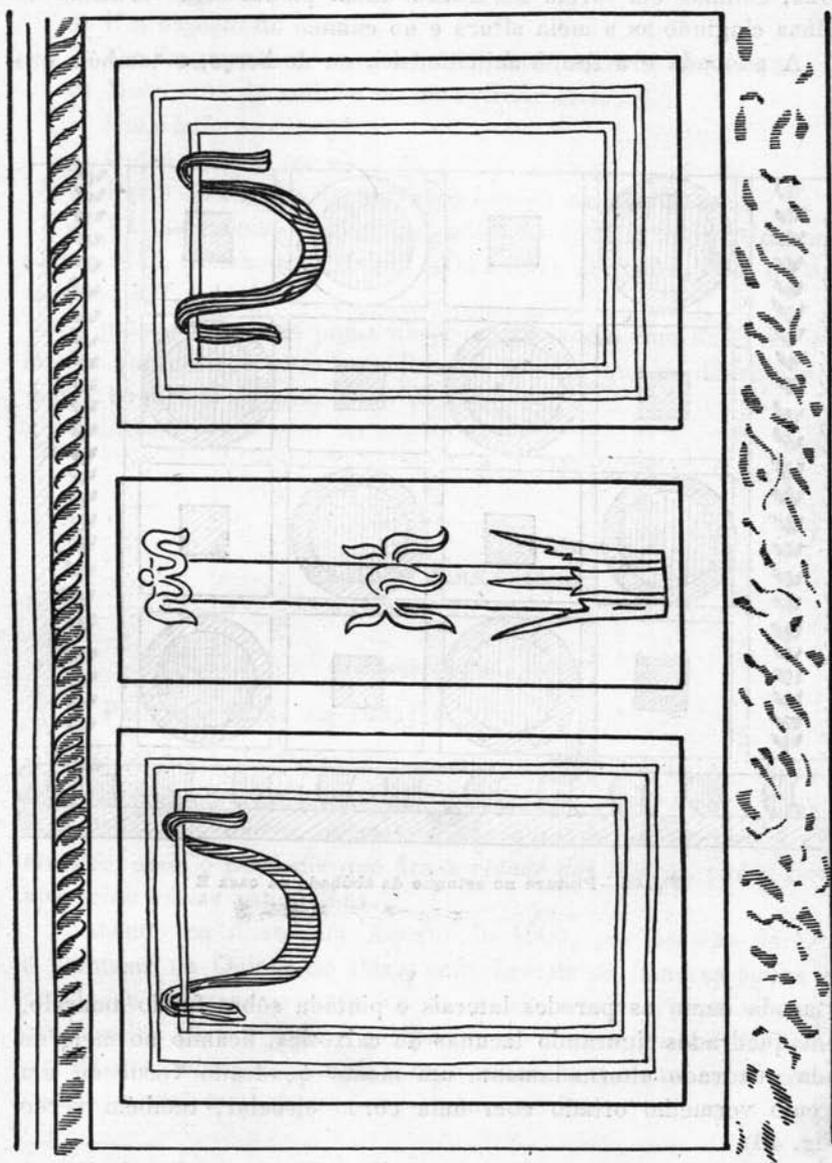


Fig. 42. — Pintura no estuque a fresco do tricínio da casa a Este do Alinhamento

desenho é muito comum nas decorações do estuque que se vêem na reprodução de pinturas que ilustram os livros sôbre a antiga História Romana.

Os painéis mais estreitos tinham os fundos pintados a cinzento, e no meio de cada um d'elles, postas verticalmente e pintadas a tinta roxa, colunas em forma de tronco duma planta com verticilos de fôlhas cingindo-as a meia altura e no cume.

A abóbada era lisa, semi-cilíndrica ou de berço, e também era

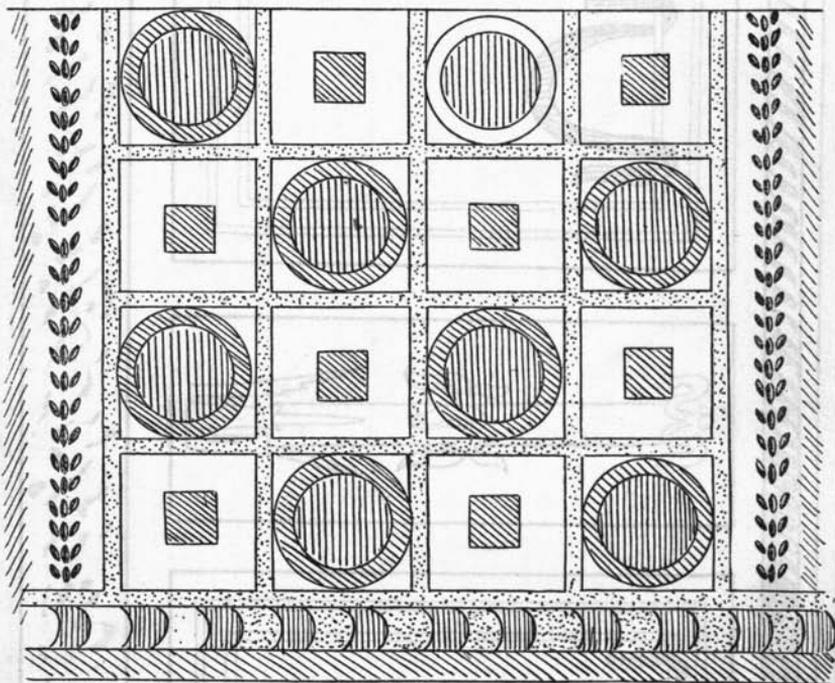


Fig. 43. — Pintura no estuque da abóbada da casa E

estucada como as paredes laterais e pintada sôbre fundo amarelo, com quadrados figurando lacunas ou caixotins, ficando no meio de cada quadrado alternadamente um menor quadrado verde ou um círculo vermelho orlado com uma coroa circular, também verde (Fig. 43).

Nesta casa encontrou em 1489 o D.^o Domingos Garcia Peres, um dos sócios mais prestimosos da S. A. L., dois capitéis de mármore de ordem jónica. Foi êste facto que estimulou a dita Sociedade a fazer excavações nesta casa.

Além dos dois capitéis foram achados pelos trabalhos da S. A. L., os seguintes objectos nos diferentes compartimentos do prédio:

- a) Três lucernas de barro ordinário¹.
- b) Um objecto de osso.
- c) Um fragmento de agulha metálica de fazer rêde (naveta).
- d) Duas mós de moinho de mão (*mola manuaría*).
- e) Uma ânfora, cilíndrica.
- f) Outra ânfora, cónica.
- g) Parte de cornija de mármore branco de Estremoz.

h) Várias moedas imperiaes: de Corus (282 a 283), Alexandre (310 a 311), Constantino Magno (306 a 337), Decentus (351) e Constantino (407 a 411)².

A paisagem que se podia observar da janela com lintel de volta inteira que deitava para o Sado seria igual à que se disfrutava da janela tripartida da casa C de W. (Fig. 34).

(*Continua*).

A. I. MARQUES DA COSTA.

Castros lusitanicos

I

Cidade de Paderne

I. Pesquisas feitas em 1903:

Na frêguesia de Paderne, concelho de Melgaço, ha um lugarejo de meia duzia de casas, chamado *a Cidade*, que fica entre Crastos e o Pêso, dois outros lugares, e nas abas de um monte, o *Côto Grande*, onde o povo diz que fica a *cidade dos Moiros*, por aí terem aparecido várias antigualhas.

Sabendo eu d'isto em Agosto de 1903, por ocasião de estar a veraneiar na Quinta do Pêso, onde brotam as famosas aguas minerais de Melgaço, e onde ha um hotel, resolvi visitar o monte, e aproveitei para a visita a companhia do meu amigo D.^{or} António de Pinho, advogado em Monção, e rebuscador, como eu, de cousas velhas, o qual tambem ao tempo estava no Pêso.

¹ Vid. *Diário da 4.^a semana* da S. A. L., in *Revista Popular*, n.º 12, de 1850, p. 94.

² Vid. *Diário da 2.^a semana* da S. A. L., in *Revista Popular*, n.º 9, de 1850, p. 7.